

COCA-COLAS, AS MENINAS DO U.S.O ROMPEM O CERCO

JANE D. SEMEÃO E SILVA

Professora da Rede Estadual de Ensino do Estado do Ceará

Em setembro de 1939, o mundo tomou conhecimento da conflagração no continente europeu de mais um conflito de alcance internacional. A declaração da Segunda Guerra Mundial percorreu o planeta, provocando alvoroço, medos e incertezas quanto ao destino dos países envolvidos na luta.

Os habitantes da cidade de Fortaleza, geograficamente distantes do cenário de luta, não ficaram marcados pela guerra da mesma forma que os europeus, obviamente. Acompanhando o seu desenrolar através da imprensa, a capital do Ceará, como o restante do Brasil, só veio a ter o seu cotidiano afetado pelo conflito com a ruptura de relações do Brasil com os países do Eixo em janeiro de 1942, a que se seguiu, em agosto do mesmo ano, a declaração de guerra. A partir de então, racionamento de gasolina e alimento, blecautes, ensaios de “defesa passiva da cidade”, convocação de homens para servir à Força Expedicionária Brasileira, entre outras medidas de caráter beligerante e de combate ao nazismo, repercutiram no dia-a-dia da cidade.

Os jornais noticiavam com frequência toda a movimentação da capital cearense no combate à ideologia nazista, a participação de Fortaleza nas campanhas nacionais em favor dos Aliados e os preparativos locais para o caso de um bombardeio alemão, sendo também noticiado com entusiasmo a participação de mulheres nessa movimentação. Assim é que o jornal *O Povo* (18/09/1942, p.4) anunciava, em letras maiúsculas, que as mulheres cearenses estavam dispostas a servir ao Brasil, destacando que nos “Correios e Telégrafos mais de cem senhoritas estão praticando no Morse” e que outras mulheres estavam se organizando para formar a “Legião de Voluntárias”.

Nesse momento de grande drama humano, as mulheres fortalezenses são estimuladas, convocadas a participar ativamente do esforço de guerra, a exemplo das mulheres européias e americanas. Muitas foram as fortalezenses que empenharam suas energias em atividades relacionadas à guerra, conseguindo com isso destaque na imprensa local e projeção no espaço público da cidade. O momento excepcional que o mundo, o Brasil e Fortaleza, particularmente, estavam vivendo não permitia à mulher perder seu tempo com “futilidades”, nem eximir-se de ocupações em prol da defesa nacional¹.

Em um discurso proferido na “Escola Normal Justiniano de Serpa” por uma normalista durante a visita de membros da “Comissão de Defesa Nacional”, reproduzido pelo jornal *Unitário* (06/08/1942, p.2), existe não só um tom de conclamação para que as meninas daquele estabelecimento de ensino participassem ativamente do “combate aos piratas nazistas” como o reconhecimento de que elas, como mulheres, não poderiam ser deixadas de fora da mobilização patrocinada pelos poderes públicos em torno do conflito:

A Semana anti-nazista que há pouco se iniciou não podia passar sem que [...] a voz da juventude normalista de Fortaleza se fizesse ouvir, [...] para unida a outras vozes [...] dizer ao Brasil que o Ceará continua apostos para a defesa da Pátria Brasileira. Sim, minhas caras colegas. Nossa voz tinha que ser ouvida também, neste instante supremo em que toda mocidade do Brasil reafirma a sua vontade de defender o território pátrio da cobiça dos invasores de nações [...].

Não quer isso dizer, certamente, que elas passaram a ocupar (em grau de igualdade) o mesmo lugar ou tivessem a mesma participação que os homens nas decisões e discussões relacionados aos assuntos da guerra. Mas esse foi um

momento que tornou possível a elas ampliar sua participação na esfera pública da cidade, e muitas souberam aproveitá-lo.

Mas se a experiência de Fortaleza da Segunda Guerra Mundial teve o seu aspecto cívico, patriótico, externado pela mobilização que se verificou em torno do conflito, ela teve também o seu aspecto lúdico. Muitas mulheres não apenas empregaram esforços para agir em defesa da soberania nacional e em benefício da causa dos Aliados, como tiveram a oportunidade de participar de “empreendimentos de natureza recreativa” surgidos na cidade em função do conflito, como as festividades realizadas em prol da campanha do “Bônus de Guerra”.

Mas foi com a chegada de soldados, marinheiros e oficiais vindos dos Estados Unidos que Fortaleza ganhou outra vitalidade, ao ter ampliada as suas opções de diversão. A presença desses militares em Fortaleza trouxe novas configurações espaciais e maiores possibilidades de sociabilidade urbana para homens e mulheres. Acostumados a uma rotina de poucas opções de diversão, muitos puderam participar de inúmeras festas e outros eventos recreativos organizados pelos americanos, ou mesmo pela sociedade fortalezense para homenageá-los.

No que se refere especificamente à população feminina de Fortaleza, a vinda de tropas americanas para a cidade no início de 1943 fez surgir o que muitos que vivenciaram aqueles anos de conflito denominaram de “fenômeno das coca-colas”. Na documentação do período, a denominação *coca-cola* não aparece a não ser depois de 1945 e mesmo assim raramente, embora ela fosse comumente utilizada para identificar as garotas que tomaram a iniciativa de participar das programações no U.S.O (o clube dos americanos na cidade) ou nas bases (Pici e Cocorote), desfrutando da companhia dos estadunidenses.

A atenção que as mulheres passaram a dispensar aos estadunidenses foi motivo de queixa e de alguns desentendimentos. Segundo um dos entrevistados, à época estudante da Faculdade de Direito, os “brasileiros começaram a ficar chateados” por sentirem-se “desprezados pelas moças”ⁱⁱ. Em artigo escrito para o jornal *O Povo* (18/05/1944, p.3), Rachel de Queiroz expõe tanto o lado “amigável” da relação entre fortalezenses e americanos quanto esse outro lado menos tolerante à presença desses militares na cidade:

Só os rapazes da terra é que são um pouco contra os nossos aliados. Rosnam bastante, falam em ‘mentalidade colonial’, etc. E a razão desse agravo, compreensível, aliás, é que as moças em sua grande maioria se dedicaram total e patrioticamente à política de boa vizinhança.

A crer de imediato e unicamente que o ciúme e a inveja – sentimentos muitas vezes apontados como justificadores do preconceito que essas mulheres passaram a sofrer - são suficientes para entendermos o caráter ambíguo da relação que se estabeleceu entre fortalezenses e americanos, perderíamos de vista toda a complexidade social e cultural envolvida nesse conflito, reduzindo-o a um episódio pitoresco e sem maiores conseqüências para as próprias *coca-colas*. No entanto, o epíteto revestiu-se de forte sentido pejorativo, e a razão disso está no fato de essas mulheres terem desafiado a moral e os bons costumes da época ao quebrar algumas normas de comportamento social e culturalmente construídas. Se os jornais de Fortaleza pudessem ter abordado o caso dessas garotas, certamente elas teriam sido assunto de várias matérias, justamente por ferirem “as mais largas tolerâncias da moral” com suas condutas transgressoras.

Consideramos que a ausência dessas mulheres na documentação do período relaciona-se a duas questões. A primeira delas diz respeito às normas de tratamento formal e de civilidade entre Brasil e Estados Unidos. Estando o

Brasil ao lado dos Aliados na luta pela vitória sobre a Alemanha, e abrigando em seu território militares ianques, procurava-se evitar qualquer tipo de atrito que pudesse vir a causar mal-estar entre os dois países. A segunda razão diz respeito a uma questão de classe. Como muitas das moças apelidadas de *coca-cola* pertenciam às camadas alta e média da sociedade fortalezense, com certeza isso impediu que o tema fosse abordado pela imprensa. Além do que, numa cidade pequena como era Fortaleza, onde todos se conheciam, não duvidamos que alguma dessas garotas viesse a ser filha ou irmã de um amigo ou respeitado conhecido daqueles que porventura tenham pensado em escrever sobre elas.

Por serem moças de “fino trato”, pesava sobre elas em especial o cuidado com os papéis, funções e comportamento que uma mulher deveria manter para garantir a sua integridade moral e a de sua família. Transformadas em exemplo para as outras mulheres, eram vigiadas através de inúmeras convenções sociais e culturais: lugares que podiam freqüentar, que companhias deveriam ter, horários permitidos para irem à rua, o que vestir, como deveria ser o relacionamento com o namorado etc. Bem nascidas e educadas para a vida doméstica, nenhum deslize poderia ficar incólume ou ser justificado. Em seu depoimento, Arthur Eduardo Benevides nos diz que das “garotas coca-colas” “as pobres foram poupadas”:

Mas as conhecidas, algumas de famílias até importantes da cidade, essas os rapazes da época não tiveram piedade: ‘Quem é aquela menina?’ ‘É uma coca-cola’. ‘Viche, é uma coca-cola’. Resultado, quando os americanos saíram os brasileiros também não quiseram as coca-colas, elas tiveram de sair daqui para arranjar noivos lá fora ou qualquer coisaⁱⁱⁱ.

Uma cena narrada em uma crônica redigida para o jornal *Correio do Ceará* (14/03/1944, p.5) nos ajuda a entrever onde estavam localizados os pontos de tensão, de conflito que as atitudes assumidas por essas garotas provocaram à moral e aos bons costumes daquela sociedade. Relata o autor que:

Eu mesmo presenciei um episódio interessante. Uma das nossas encantadoras granfinas saía do bar a que já me referi linhas acima, em companhia de um belo sargento americano. O jovem militar, alto e rosado, estava muito à vontade com a sua linda companheira. No instante em que emparelhei com o casal, o americano fazia uma pergunta à moça, no seu idioma natal: ‘-May I rest in your home some time?’ (tradução livre: posso descansar um pouco em sua casa?). Havia muita gente ao redor e a jovem cearense entendeu de mostrar que ‘apitava’ um pouco de inglês. Seria feio ficar embatucada. Muito formalizada, com uma segurança incrível, a granfina respondeu (minha Nossa Senhora!), a granfina respondeu sem pestanejar: ‘- O’, yes! O’ yes!’.

Esse episódio descrito pelo cronista permite-nos tomar conhecimento de aspectos do comportamento das *coca-colas* que, segundo Marciano Lopes, “fundiram cucas arcaicas”^{iv}. Circular pelas ruas da cidade ou freqüentar alguns de seus locais de diversão apenas em companhia do namorado, por exemplo, não era uma atitude admissível. Outro ponto de tensão estaria no fato delas terem adotado esse tipo de comportamento com “estranhos”. O que se sabia sobre eles, afinal? A que família pertenciam? Na Fortaleza dos anos 1940, a observância desses valores –“nome” e “origem”- ainda determinava fortemente os namoros e as uniões matrimoniais.

Numa época em que se namorava para casar as “garotas coca-colas” assumiram condutas que punham em risco a moral e os bons costumes da conservadora Fortaleza dos anos de 1940. Contudo, mais do que isso, representavam a inversão de valores e comportamentos tradicionalmente atribuídos ao “sexo frágil”. Como manter a imagem de mulher honesta, íntegra moralmente, saindo em companhia de um “estranho” e permitindo que ele a tratasse com certa intimidade? Não seria esse, de acordo com as representações de feminino que então circulavam, o comportamento adequado a uma mulher que quisesse impor respeito. Não à toa essas garotas sofreram as conseqüências de suas

atitudes, tendo que enfrentar por muitos anos forte preconceito. Em meio à notícia sobre um processo que o governo francês estaria movendo contra a empresa de refrigerantes Coca-Cola, comenta o autor que:

Para nós, cearenses, este nome lembra coisa mais triste e lamentável, pois foi com ele que apelidamos as jovens levianas, doidivanas e desajuizadas que se metiam em ‘jeeps’ com os ianques e se deixavam levar para mundos e fundos. Assim, ‘coca-cola’ para os cearenses quer dizer ‘amiguinhas dos americanos’ ao tempo em que eles aqui acampavam e precisavam se divertir. (*O Nordeste*, 27/05/1950, p.3).

Apenas meio parágrafo, eis ao que se resume essa poucas linhas sobre as *coca-colas* no corpo do artigo. A desenvoltura das moças ante a presença dos ianques e a noção que se tinha de que os militares americanos, em face das condições em que chegavam ao Brasil (longe de seu país, separados da família, dos amigos, da namorada e tendo que ir para os campos de batalha no outro lado do mundo), estavam interessados em se divertir o máximo possível em suas horas de folga, a fim de suportar o tédio, a solidão e as incertezas quanto ao futuro, geraram essa imagem de mulheres que serviram ao entretenimento dos americanos.

As *coca-colas* mereceram a censura e a hostilidade dos homens e também das mulheres por serem representantes da modernidade degeneradora da moral e dos bons costumes, ao confundirem as normas do seu gênero com as do gênero masculino. Assim sendo, não podemos considerar que o apelido que receberam significasse apenas uma vingança dos invejosos e despeitados homens, por se sentirem preteridos pelas mulheres em função dos americanos. Ao contrário, o epíteto *coca-cola* fazia parte da estratégia de reação à quebra do ideal de “ser” feminino – como fazia parte também a rejeição que elas sofreram, seja como namoradas ou como esposas, por parte dos fortalezenses, depois que os americanos se foram.

Hoje, depois de mais de cinquenta anos do fim da Segunda Guerra Mundial, as *coca-colas* ainda permanecem em silêncio. Poucas são as pessoas que se dispõem a conversar sobre elas. Muito se sabe mas pouco se diz em virtude dessa representação de mulheres “desavergonhadas” que se construiu e que atravessou meio século. Nas entrevistas realizadas, muitas foram as perguntas não respondidas, os gestos calados, os olhares e sorrisos que insinuavam mas que continham as palavras. Assim, as dificuldades e o “não-dito”, que freqüentemente surgiram ao longo da pesquisa e das entrevistas, não resultam de brancos da memória ou de esquecimentos, mas de uma recusa consciente de falar detalhadamente sobre esse aspecto da experiência da Fortaleza dos tempos de guerra. O longo silêncio sobre essas garotas foi a maneira encontrada de se evitar constrangimentos, mal-entendidos e reações indignadas de seus familiares ou delas próprias.

ⁱ Um cronista, que assinava com a letra X. seus escritos, responde às reclamações de suas leitoras sobre o porquê de sua coluna não ser publicada às vezes por dois dias seguidos, argumentando o quanto a “guerra mudou o rumo das coisas”, desviando “o pensamento para problemas mais sérios”, exigindo da mulher outras preocupações que não o “romantismo”. X. *O Povo*, Fortaleza, 16/09/1942, p.2, Seção “Boa Tarde”.

ⁱⁱ BENEVIDES, Arthur Eduardo. Entrevista realizada em 29/11/1999.

ⁱⁱⁱ BENEVIDES, Arthur Eduardo. Idem.

^{iv} LOPES, Marciano. *O Baú da Donzela*. Fortaleza: Gráfica VT, 1991, p.57/58.